

**DOI 10.20396/rap.v14i1.8660183**

Em tempos tão difíceis se torna crucial encontrarmos espaços que permitam a pulsão da vida. O termo vindo da psicanálise é genérico, sabemos, controverso, com toda certeza, mas há algo nele que pode nos acenar para o presente e para o futuro. Em meio a tantos discursos de ódio, morte e miséria, é preciso encontrarmos algum sentido para o amanhã. Esses sentidos estão tanto na garantia de nossos direitos básicos, como educação, saúde, alimentação, moradia digna, entre outros previstos em nossa Carta Constituinte de 1988, mas também podem ser inventados em nossas pesquisas, em nossas salas de aula, nas artes, no compartilhar um sentido comum com uma comunidade, entre inúmeras outras possibilidades. A pulsão da vida pode ser alimentada pelos nossos desejos de construção do presente e do futuro melhor (e para nós, autoras desse Editorial, o melhor significa mais justo, igualitário e inclusivo para todos).

Para além dos campos da autoajuda, o tempo presente nos impõe como desafio nos pensar como arqueólogos, antropólogos, historiadores, filósofos, biólogos, professores, pesquisadores, pais, mães, filhos... junto à sociedade. A crise não é uma novidade para nós. As desilusões políticas e ameaças fascistas, enfrentamos há séculos. As pandemias não são desconhecidas de nossos ancestrais. Mas como nós, nesse tempo presente, podemos responder a todos esses desafios? No que tange especialmente a Arqueologia, acreditamos que temos um imenso potencial transformador, em diferentes escalas, de nossa sociedade: por meio do universo material, profundamente conectado com o imaterial, podemos atribuir sentidos aos nossos passados e presentes: tanto a partir de narrativas que são individuais e privadas, como naquelas que são públicas e coletivas.

O potencial dessas materialidades pulsa nas ruas. Não à toa assistimos a manifestantes derrubarem à estátua do mercador de escravos Edward Colston, em Bristol, e outras sendo postas abaixo por movimentos semelhantes em Oxford, África do Sul e Estados Unidos. A derrubada de estátuas de personagens (no mínimo) controversos é uma reação presente em diferentes contextos da história da humanidade e vem de encontro àquilo que defendemos em variadas correntes teóricas e metodológicas da Arqueologia: o mundo material é carregado de sentidos e pode ser lido, narrado, descrito, desvendado. Aqui, as possibilidades variam de acordo com a percepção teórica. Agora, se o mundo material pode ser responsável por ferir (e por isso, pode ser posto abaixo), também pode nos libertar! Pensar o mundo como não natural e, por consequência, como sempre

escolhido, construído e narrado nos abre uma imensa janela para ação. Podemos gerar mudanças. E é preciso gerar mudanças.

Tendo a possibilidade de mudanças como um mote, reunimos nesse número artigos que trabalham diretamente com a questão da liberdade e da política. Neles, a Arqueologia se torna o eixo central para se discutir as memórias sobre a greve de 1917 (“A Greve Geral De 1917 E As Mortes Pela Ação Repressiva – Uma Abordagem Da Antropologia Forense Na Investigação Nos Cemitérios”, por: Ana Paula Moreli Tauhyl e Márcia Lika Hattrori); sobre os mecanismos de repressão durante a Espanha Franquista (“Regada Con La Sangre De Tantos Mártires: A Fundação Da Arqueologia Franquista”, por: Rodrigo Araújo de Lima) e, sobre a Ditadura Militar no sul do país Brasil (“Arqueologia E Ação Política: Resultados Da Instalação Vestígios De Uma Ausência”. Por: Mariana Costa de Moraes Fernandes, Luciana Paiva Coronel e Beatriz Valladão Thiesen). Valorizamos a Arqueologia Colaborativa e ações de educação patrimonial a partir dos artigos: “O Pet Na Escola: Um Roteiro De Ações De Educação Patrimonial Desenvolvido No Âmbito Do Programa De Educação Tutorial No Município De São Raimundo Nonato-Pi”, escrito por: Anderson Wallecy Rodrigues de Carvalho, Rodrigo Lessa Costa e Márcia de Santana Castro; “Oca – Origens, Cultura e Ambiente, Uma Proposta De Arqueologia Colaborativa Em Gurupá/Pa”, produzido por: Helena Pinto Lima; Cristiana Barreto; Gabriele de Amorim Botelho; Fernando Luiz Tavares Marques; Cássia Luzia Lobato Benathar; Fábio dos Passos Alho; Ezequiel Barbosa da Silva; Bruno Moraes; Kyle Lee Harpe; Glenn Harvey Shepard Jr e Richard Pace; e, “Unidades De Conservação E Patrimônio Arqueológico: Considerações Sobre O Papel Da Educação Patrimonial Nos Dias Atuais”, escrito por: Leandro Vieira da Silva.

Propusemos reflexões sobre as relações entre cultura, natureza e consumo a partir do universo material e imaterial nos artigos: “A Faiança Fina e o Comportamento de Consumo na Fazenda São Bento e Engenho Jaguaribe Nos Séculos XVIII-XIX na Sesmaria Jaguaribe, Litoral Norte De Pernambuco”, por Vanessa Rodrigues e Cláudia Alves de Oliveira; e, “A Proteção Do Patrimônio Cultural Imaterial E Os Usos De Bens Naturais Da Mata Atlântica: Uma Análise Da Salvaguarda Da Roda De Capoeira E Do Fandango Caiçara”, por Andressa Marques Siqueira e Silvia Helena Zanirato. Por fim, como um convite a pensar o mundo como político, escolhido e aberto às reformulações, apresentamos o texto “Sensing Antarctica: Sensorial Exhibit On Antarctica At Espaço Do Conhecimento UFMG, Brazil”, escrito por Fernanda Codevilla Soares e Andres Zarankin ; e,



“Metrologia Grega: Um Balanço Crítico Atualizado Sobre As Unidades De Medida Na Antiguidade”, por Claudio Walter Gomez Duarte.

Esperamos que todos tenham uma excelente leitura e torcemos para que possam encontrar inspirações nas linhas deste dossiê.

Abraços,

*Prof.<sup>a</sup> Dra. Aline Carvalho (IFCH/UNICAMP)*  
*Prof.<sup>a</sup> Dra. Joana Schossler (IFSP-Capivari/Pós-Doc IFCH/UNICAMP)*  
*Editoras e Organizadoras do Dossiê*